

O QUE PODE UM CORPO? ENTRE A ARTE-EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Gabriela Nobre Bins¹
Helena Meireles²
Silvane Fensterseifer Isse³

PALAVRAS-CHAVE: corpo; Educação Física; Arte-Educação.

INTRODUÇÃO

O que pode um corpo? Pierre Bourdieu (1990, p. 73) já dizia que o que é aprendido pelo corpo não é algo que se possui como um conhecimento, mas é algo que se é. As nossas vivências passam pelo nosso corpo e, a partir da incorporação dessas experiências, construímos nosso ser e nossa bagagem de conhecimento. Quando se entra na escola, não se deixa o corpo no portão de entrada: “ele” é quem somos.

O que fazer com esses corpos na escola? Se o corpo fala, comunica-se, nada mais justo do que fazer dele uma ferramenta da Educação. É relevante considerá-lo dentro da sala de aula, explorando-o como forma de discutir questões relativas à sexualidade, ética e respeito ao outro.

Este trabalho é o relato de uma experiência realizada em uma escola da Rede Municipal de Porto Alegre/RS. O projeto “O que pode um corpo?” foi uma experiência de trabalho conjunto entre as disciplinas de Educação Física e Arte-Educação. Em uma perspectiva transdisciplinar, objetivamos a compreensão do mundo presente a partir do que está entre, através e além das disciplinas. Partindo do pressuposto de que ambas as disciplinas têm o corpo como matéria prima e de que, segundo o filósofo Merleau Ponty (1999), o corpo é um cenário em relação ao mundo, entendemos ser fundamental a exploração, na escola, das possibilidades desse corpo.

A partir da ideia de aulas conjuntas entre duas turmas de C30 (último ano do terceiro ciclo do Ensino Fundamental), desenvolvemos atividades que possibilitassem uma reflexão sobre o corpo que somos, sobre os corpos que andam ao nosso lado e que preenchem esse mundo. Procuramos sensibilizar os alunos para as diversidades corporais e suas múltiplas possibilidades.

METODOLOGIA

O projeto se estendeu por três meses. Primeiramente, cada disciplina trabalhou com elementos corporais em suas aulas. Nas aulas de Educação Física, trabalhamos com aulas de expressão corporal e dança criativa, realizando vivências através das quais os alunos entrassem em contato com seus corpos e com os corpos dos colegas. Nas aulas de Arte-Educação, trabalhou-se o autorretrato, máscaras, desenho e fotografia. Após, realizamos oficinas conjuntas, com duas turmas da escola e com a participação das professoras de Educação Física e Arte-Educação.

Nessas aulas-oficinas, os alunos faziam releituras de imagens corporais dentro dos seguintes temas: corpo e sexualidade, corpo étnico, corpo e diversidade física, corpo político, corpo identidade e corpo como arte. Além dessas oficinas, tivemos três saídas de campo para assistir a espetáculos de teatro (“O negro no RS”, do grupo Odomode, que apresentava um panorama do corpo negro no RS; “?” , um espetáculo sobre corpo e sexualidade que



questionava os padrões de sexualidades impostos pela sociedade e “Gestos e Restos”, um espetáculo circense que explorava as possibilidades do corpo) e uma saída de campo em que caminhamos pelo bairro onde está localizada a escola, fotografando os corpos sobre os quais havíamos discutido anteriormente. Para fazer uma síntese do trabalho realizado ao longo do projeto, os alunos montaram uma instalação, com corpos de papelão em tamanho natural preenchidos por imagens e frases sobre o que lhes tocou nesse processo, expressando-se de uma forma artística e corporificando sua percepção sobre a experiência à qual foram submetidos.

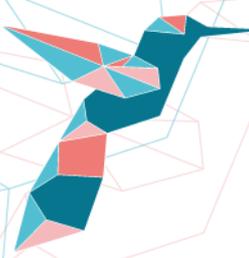
ANÁLISE E DISCUSSÃO

Trabalhar questões relacionadas ao corpo dentro de uma sala de aula, mais do que uma experiência na área da Educação, foi uma possibilidade de confrontar-se com verdades culturalmente constituídas e com desconhecidas possibilidades. Para Meyer (2009, p. 222), a “educação envolve o conjunto de processos através do qual indivíduos são transformados ou se transformam em sujeitos de uma cultura e assim a escola acaba naturalizando preconceitos”. O principal objetivo do projeto “O que pode um corpo?” enquanto prática pedagógica era a desnaturalização de preconceitos. A escola passava por um momento peculiar, pois a entrada da professora de Arte-Educação na Rede Municipal de Porto Alegre coincidiu com a descoberta da sua condição de transexualidade. Foi nessa época que a professora assumiu sua identidade feminina. E nessa empreitada, o aprendizado, tanto da professora, quanto dos alunos e do próprio ambiente escolar (professores, funcionários e comunidade) foi acontecendo. Como lidar com o novo? Como tratar esse corpo? O que pode um corpo? Uma revolução.

Usando o corpo como suporte para trabalhar questões da Arte, da Educação Física e da corporalidade, os alunos puderam confrontar-se com as singularidades e ampliar seu conhecimento sobre seus corpos, seus colegas e suas relações com o mundo. Em uma sociedade visual, o corpo passa a ser objeto de extrema valia na construção do processo de educação. Segundo Beatriz Ferreira Pires (2005), “na sociedade, o sentido mais desenvolvido é o da visão, a forma primeira com que o indivíduo percebe o outro está ligada à imagem”. E perceber o outro, talvez seja a melhor forma de conhecer-se e aprender.

CONCLUSÕES

Trabalhar o corpo e com o corpo não é uma tarefa muito fácil na escola, pois carregamos uma série de pré-conceitos e tabus sobre o corpo. A escola segundo Junqueira (2009, p. 14), “reproduz padrões sociais, perpetuando concepções, valores e clivagens sociais, fabricando sujeitos (seus corpos e suas identidades), legitimando relações de poder, hierarquias e processos de acumulação” Desconstruí-los, às vezes, é dolorido e leva tempo. O projeto “O que pode um corpo?” mexeu muito com os alunos e de formas diversas. Alguns ficavam muito incomodados com as discussões, outros com o toque corporal. Vários alunos sentiram-se incomodados com a união de duas turmas, argumentavam que, com os colegas de outras turmas não se sentiam à vontade, sentiam-se envergonhados para realizar as atividades. Aos poucos os alunos foram abandonando a segurança da sua turma e passaram a se aventurar em novas experiências. Em uma conversa final de avaliação do projeto, percebemos que alguns alunos foram tocados pela experiência e passaram a encarar seu corpo e os corpos dos outros de uma forma mais aberta, menos preconceituosa. Sentiam-se mais seguros e não usavam mais as questões corporais e de sexualidade como motivo de chacota. Nós,



professoras, saímos dessa experiência tocadas, cada uma à sua maneira, e passamos a reconstruir nosso entendimento sobre o que pode um corpo. A experiência de transdisciplinaridade nos possibilitou sairmos das caixinhas a que normalmente as disciplinas ficam confinadas e refletimos sobre nossos alunos e suas experiências como um todo.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *The Logic of Practice*. Stanford: Stanford University Press, 1990.

FERREIRA PIRES, Beatriz. *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Edições MEC/Unesco, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MEYER, Dagmar. Corpo, Violência e Educação: uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Edições MEC/Unesco, 2009.

¹ Mestre em Ciências do Movimento Humano – UFRGS; EMEF Deputado Victor Issler; ganobre@hotmail.com.

² Licenciada em Artes – UFRGS; EMEF Deputado Victor Issler; hemo724@hotmail.com.

³ Doutoranda em Ciências do Movimento Humano – UFRGS; Centro Universitário UNIVATES; silvane@univates.br.